

“ACERTO “ OU “ERRO” DE ADAM SMITH?

Delia B. Espina¹

1. INTRODUÇÃO

Descobri, recentemente, o livro de Kenneth Lux, *O erro de Adam Smith: de como um filósofo moral inventou a Economia e pôs fim à moralidade*. A instigante descoberta trouxe à minha memória uma publicação especial da Revista Exame, do dia 25 de dezembro de 1989. Nessa data, a revista festejava a iminente entrada na década de 90 com uma dedicatória a Adam Smith. A figura do Grande Teórico é destaque de capa de revista e, sob o título “A Estrela Maior dos Vitoriosos - Smith: O sucesso Visível da Mão Invisível”, um artigo lembra a sua obra, nos seguintes termos: “Não, Exame não enlouqueceu ao incluir Smith, morto há quase 200 anos na galeria dos vitoriosos. A mais formidável revolução destes tempos, a que sacode a União Soviética e os países da Europa Oriental, dá às bicentenárias idéias do autor de *A Riqueza das Nações* o viço de uma jovem.”

Diante de duas interpretações recentes da teoria smithiana tão fortemente contrastantes, me concentrei na leitura do livro de K. Lux para poder fazer uma melhor avaliação do conteúdo de cada uma das interpretações alternativas.

Este artigo tem o simples objetivo de refletir sobre a abordagem teórica utilizada pelo autor para analisar *A Riqueza das Nações* à luz da inquestionável contemporaneidade dessa obra, seja para reconhecer seu “acerto” na formulação dos princípios capazes de guiar com a maior eficiência o sistema econômico, seja para lamentar as consequências históricas do “erro” teórico de A. Smith.

¹ Professora Titular do Departamento de Economia e Administração da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas (FACECA/PUC-Campinas). Doutora em Economia pelo IE/UNICAMP.

2. KENNETH LUX E A DESCOBERTA DO “ERRO” DE ADAM SMITH

Não é possível entender o livro de K. Lux sem conhecer os motivos que levaram esse autor a estudar, de modo geral, a história da teoria econômica e, em particular, a obra de A. Smith.

Com o flamante diploma de doutor em Psicologia pela Universidade de Indiana, Lux assumiu, no começo dos anos 70, a direção de um programa organizado por um órgão de saúde pública americano para dar apoio psicológico às famílias de baixa renda, na área rural do Maine, EUA. Os primeiros diagnósticos obtidos, classificavam a maioria das famílias cadastradas no programa como “multi-problemáticas”.

Terminada sua experiência na direção do programa, Lux constatou que as mesmas técnicas psicoterapêuticas aplicadas em função dos diagnósticos obtidos, que eram usadas exitosamente em pacientes particulares, tinham sido altamente ineficientes para “recuperar” as pessoas provenientes das “multiproblemáticas” famílias pobres da área rural. “Tais pessoas nunca eram capazes de se ater aos assuntos da psique e seu funcionamento, como cumpria aos bons pacientes de psicoterapia, quando sua vida no plano material se encontrava sob tal pressão diária. Descobri que a Psicologia podia fazer pouca coisa para ajudar essas pessoas a resolverem seus problemas mais imediatos” (Lux, 1993:12).

A frustrante experiência levou-o a pensar que tinha-se dedicado ao estudo da Psicologia “por não entender que a chave do entendimento estava na Economia”. (Ibid:12). Incentivado por essa experiência profissional, em 1974, iniciou o estudo formal da Economia, entrando nesse campo como psicólogo e com um claro objetivo: “tentar compreender a natureza exata da transformação econômica de nossa cultura.” (Ibid:15)

Na Universidade de Maine vem ele a conhecer Mark Lutz, professor de Economia dessa instituição, que estava profundamente interessado no estudo da Psicologia e na possibilidade de aplicar esse conhecimento a certas questões da Economia. Surgiu, assim, uma parceria

complementar com a motivação, comum a ambos, de retificar “o alto desinteresse dos economistas, no que se refere aos processos humanos básicos.” (Ibid:15) A finalidade de ambos estudiosos é, desde então, a busca de teorias econômicas alternativas que invertam o objeto da análise, priorizando os processos humanos básicos, esquecidos pela ciência econômica desde seu início. A contribuição intelectual de ambos vem sendo crescentemente reconhecida numa nova área da economia em desenvolvimento: **a psicologia econômica.**²

O livro de K. Lux, motivo deste artigo, forma parte desse trabalho pioneiro. O autor inicia a análise de *A Riqueza das Nações*, a partir da consagrada descoberta smithiana: o cerne da economia é o interesse próprio e o interesse próprio é um bem social. Assim, a essência da grande contribuição teórica do livro de Smith é a célebre proposição que afirma o valor do interesse próprio: “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que devemos esperar nosso jantar, mas de sua atenção para com seus próprios interesses. Nós nos dirigimos não à sua humanidade, mas a seu amor próprio, e nunca lhes falamos de nossas necessidades, mas de suas vantagens. Ninguém, a não ser um mendigo, escolhe depender principalmente da benevolência de seus concidadãos.” (Ibid:81) Nascia, assim, o conceito de *Homo Economicus* (Homem Econômico).

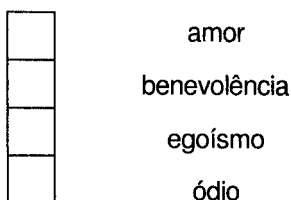
A citada proposição sustenta por si só o conceito de interesse próprio. Entretanto, se complementa com a tese da “mão invisível” segundo a qual, na busca de seu interesse próprio, o indivíduo é “conduzido por uma mão invisível a promover um fim que não fazia parte de sua intenção. E nem sempre é pior para a sociedade que aquele fim não faça parte desta. Buscando seu próprio interesse, ele freqüentemente promove o da sociedade mais efetivamente do que realmente tencionava promover.” (Ibid:30)

Com essas duas breves proposições, A. Smith sintetizou magistralmente a base filosófica do capitalismo moderno.

² Entre as publicações dos autores se destacam: Lutz, Mark & Lux Kenneth *Economic Psychology: intersection in theory and application* in Alan J. & Heather Mac Fadyen (org.) Elsevier Science Publication, North Holland, 1986; Lutz, Mark A. & Lux, Kenneth *Humanistic economics: the new challenge*, Nova York: Intermediate Technology Group, 1988.

Não farei menção aos argumentos, a partir dos quais Lux infere que a lógica do interesse próprio compele os agentes econômicos à supressão da competição, minando a livre concorrência e, com isso, o arcabouço da teoria smithiana. Essa é uma das refutações que mais se generalizou, ao longo do tempo, entre os críticos de A. Smith. Vou concentrar a exposição nos argumentos com os quais, com base na Psicologia, o autor descreve o “erro” teórico de A. Smith..

Ao estudar as motivações psicológicas do Homem Econômico, Smith operava, exclusivamente, com a região intermediária da motivação humana: “ Este é necessariamente o caso, porque a economia, como área, diz respeito a essa região intermediária. A escala completa da motivação humana envolve as paixões tanto como os interesses, para utilizar o esboço de Albert Hirschman dessas forças na história econômica. Podemos visualizar a motivação humana como simplesmente consistindo em uma dimensão bipolar, com o amor em uma extremidade e o ódio na outra. Esses dois polos representam as paixões” (Ibid: 91)



O vetor da motivação humana

Na escala intermediária da motivação estão os interesses, que foram classificados por Smith como benevolência e interesse próprio (egoísmo). Nesse *continuum* existe um conflito permanente entre as duas direções polares. A escolha entre um dos pólos é a escolha entre o bem e o mal, entre a virtude e o vício. Enquanto é mais fácil distinguir entre os extremos do vetor é mais difícil estabelecer distinções morais na área intermédia. “Mas uma distinção na área intermédia corresponde ainda à mesma espécie de distinção: trata-se de uma distinção entre o bem e o mal” (Ibid:92)

Em sua doutrina do interesse próprio, afirma Lux., Smith operou uma **transvalorização**: isto é, reverteu os pólos do *continuum* da motivação, ao menos na região intermediária, afirmando que o mau é bom e que o bom é mau.” “Observamos, então, que as transvalorizações se tornam a raiz da confusão moral quando se trocam os rótulos da polaridade. A doutrina econômica do interesse próprio introduziu exatamente essa confusão na vida moderna, e de uma forma intelectualmente aceitável. A sociedade moderna tem se debatido com esse problema desde o primórdio da ciência econômica, no fim do século XVIII” (Ibid:92)

A partir dessa afirmação, a tarefa de Lux, ao longo de seu livro, consiste em demonstrar que, em todos os tempos, o interesse próprio significa essencialmente egoísmo, e o egoísmo não pode produzir (e não produziu) o bem social. Historicamente, foi a força que destruiu o bem social, a despeito da alegação em contrário da teoria econômica smithiana. “Na realidade essa alegação fornece uma das mais completas mistificações que infernizam o que chamamos de mundo moderno.” (Ibid: 93)

Através da história, o “erro” de A. Smith tornou-se um portal pelo qual as forças da metade inferior do *continuum* de motivos estão sempre dispostas a aflorar à procura de expressão. Isso é apenas um dos pólos.

No entanto, existe o outro lado da natureza humana, os motivos mais elevados de onde se derivam a dignidade e a capacidade de agir com virtude.(Ibid)

Estamos em condições agora, de compreender o “erro” teórico de A. Smith através da interpretação de Lux. Faltou na proposição smithiana a palavra *apenas*.... “Não é apenas da benevolência...”; então, tudo estaria em ordem.” (Ibid:88)

Sem a palavra apenas, a teoria do interesse próprio eliminou o problema moral da escolha entre os dois pólos, sempre em conflito, das motivações humanas. Entende-se, a partir dessa eliminação, o verdadeiro significado da mão invisível que, na interpretação de Lux, é “um simples artifício moral e conceitual” possibilitado pela transvalorização

operada por Smith. Só assim alcança lógica a proposição de que as pessoas que melhor promovem o bem público são aquelas que estão comprometidas com seu próprio egoísmo.

Não se deve interpretar que o autor está supondo que Smith "tencionava inserir a palavra apenas".

Pelo contrário "ele tencionava escrever exatamente o que escreveu" Só assim *A Riqueza das Nações* alcança toda a força lógica de seus argumentos. (Ibid 88). Com essa obra, publicada em 1776, Smith deixava atrás, definitivamente, a base filosófica do mundo feudal, ainda presente em sua *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759), e outorgava à sociedade moderna, em emergência, a resposta perfeita (válida até hoje) à questão essencial do século 18 : como a sociedade poderia subsistir em torno de algo que não fosse a orientação tradicional dos ensinamentos morais e religiosos. (Ibid)

Smith, em 1776, com a força de seus argumentos, pos fim ao grande debate entre duas vertentes filosóficas: a escola dos sentimentos e a escola do interesse individual ou egoísmo. A célebre passagem de *A Riqueza das Nações* referente ao interesse individual "parece portadora de caráter definitivo que veda caminho a qualquer discussão mais avançada em torno dos motivos dos atores econômicos no mercado". Entretanto, seu poder de convicção não reside nos **argumentos psicológicos sobre as motivações humanas**, mas em sua **lógica**. Essa lógica " se situa além das sondagens psicológicas, da investigação dos motivos da ação ou de qualquer outro argumento empírico. Essa é a razão pela qual ela carrega tanta convicção e força, e é a razão de ter sido um dos poderes transformadores na constituição da mente e do mundo modernos". (Ibid:83)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual a leitura possível da consagração de A. Smith como o grande vitorioso de nossos tempos, feita pela revista Exame, a luz da análise de Kenneth Lux? **Acerto** ou **erro** de Adam Smith?

Este artigo é, certamente, tendencioso. Contudo, não foi seu objetivo dar uma resposta conclusiva à questão. Foi sim, abrir um espaço de reflexão sobre a urgente necessidade da teoria econômica incorporar em sua análise outras ciências do homem. Este parece ser o único caminho capaz de resgatar a condição humana de triste redução a que fora submetida, ao longo de mais de 200 anos, com a descoberta do **Homo Economicus**.

4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HIRSCHMAN, Albert O. *The passions and the interests*, Princeton: Princeton University Press, 1977, citado por Lux, 1993 p.91

LUX, Kenneth *O erro de Adam Smith. De como um filósofo moral inventou a Economia e pôs fim à moralidade*. São Paulo, Nobel, 1993

SMITH, Adam *The Wealth of Nations*, Edwin Cannan (ed), Nova York: Modern Library, 1937, p. 433 citado por Lux, 1993, p. 81.